

Redução de Danos como Estratégia de Atenção e Cuidado Integral em Saúde: políticas, vivências, intervenções e qualificação profissional



Fotos: Grupo condutor PROBEX/RD 2017

Na Paraíba, projeto de Redução de Danos une ensino, serviço e vivência prática para transformar o cuidado em saúde

Como tratar com responsabilidade um tema sensível, cercado por questões éticas e morais, sem uma formação profissional adequada? Esses foram os desafios enfrentados por um grupo de residentes multiprofissionais em Saúde Mental do Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que se deparou com as dificuldades de implementação da Política de Redução de Danos em seu território e uma lacuna de conhecimentos que refletiam diretamente no cuidado e atenção aos usuários de álcool e outras drogas. Como resposta, os(as) residentes idealizaram um curso de qualificação, que tem como ponto de partida a importância da Política e o espaço que esta ocupa dentro das políticas, práticas de saúde e do fazer em saúde. O cenário de surgimento da experiência “Redução de Danos como Estratégia de Atenção e Cuidado Integral em Saúde: políticas, vivências, intervenções e qualificação profissional” é marcado pelo interesse espontâneo dos próprios estudantes.

O projeto multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar apoia-se na horizontalidade e no protagonismo dos sujeitos envolvidos para desenvolver processos de formação de estudantes universitários e profissionais da Atenção Primária à Saúde e da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) de João Pessoa (PB) e municípios da Região Metropolitana (Cruz do Espírito Santo, Bayeux, Santa Rita e Conde), bem como promover a efetivação da Política de Redução de Danos no território. A ideia é contribuir para a promoção do cuidado preventivo e

humanizado de populações em comunidades vulneráveis e usuários(as) de álcool, crack e outras drogas.

“O curso surge desse contexto, mas também alinhado ao contexto nacional de retrocessos com relação à política sobre drogas, do retorno a modelos de alta exigência que pregam a abstinência como fator primordial para qualquer tipo de tratamento. Essa situação de violência que a gente vive sempre é atrelada ao uso de drogas quando, na verdade, é fruto do próprio proibicionismo. Diante desse cenário nos pareceu muito pertinente investir no tema e trazê-lo para dentro da universidade, onde até então não se fazia esse debate. Essa é uma questão crítica: dentro das universidades brasileiras, com raras exceções, o debate sobre esse tema é bastante precário”, afirma Marco Deparis, psicólogo e redutor de danos que integra o projeto.

Educação como ferramenta de transformação

A partir da compreensão da Educação em Saúde como ferramenta potente na transformação social, elaborou-se a proposta de um curso de aperfeiçoamento em Redução de Danos, a partir do aporte teórico, científico e de vivências práticas em uma perspectiva multiprofissional, pautada nos pressupostos da Educação Popular em Saúde e da Educação Permanente em Saúde. O curso foi estruturado em nove módulos e contempla encontros presenciais teóricos e também

ações de Redução de Danos nos territórios dos municípios parceiros, que incluem intervenções de auriculoterapia, massoterapia e quiropraxia, rodas de conversa, oficina para crianças sobre alimentação saudável, brincadeiras para o público infantil, aulas de dança e apresentações culturais.

As ações do projeto são implementadas pela equipe de extensionistas (professores(as), estudantes(as) e colaboradores(as)), tomando como ponto de partida o fato de que a Política Nacional de Redução de Danos perpassa as políticas de Atenção Básica, Assistência Social e Atenção Psicossocial. Apesar da transversalidade da política, trabalhar com esse tema acarreta uma série de adversidades pelo caminho, entre elas a superação de questões éticas e morais e a dificuldade de financiamento, que foi solucionada por meio do estabelecimento de parcerias institucionais e até mesmo de recursos que saíram dos próprios bolsos da equipe. “Essa é uma dificuldade, mas que por outro lado revelou o quanto esse processo foi uma formação de militância. As pessoas se implicaram de tal forma com o curso que a existência dele se tornou muito



Depoimento de Marco Deparis, psicólogo e redutor de danos

importante. A outra dificuldade é que trabalhar nessa perspectiva do uso de substâncias, de drogas, como algo da essência do ser humano, como algo que faz parte das necessidades, é um tanto difícil, mas é mais necessário do que seria essa dificuldade. A ver, por exemplo, a carência de um bom atendimento para quem tem problemas com dependência química na Atenção Básica, que deveria também cobrir essa demanda”, aponta Marco Deparis.

O acompanhamento das atividades executadas é realizado por meio de reuniões semanais com todos os integrantes do grupo condutor para planejar atividades teóricas e práticas, além de encontros extraordinários para planejamento de ações; reuniões de pactuação com gestores(as) e profissionais da rede de saúde do governo do estado da Paraíba para articulação de atribuições; reuniões extraordinárias com colaboradores(as) para mobilização de parcerias com artistas locais, graduandos(as) de diferentes áreas de formação, residentes em saúde mental e profissionais das localidades pactuadas.

Marco Deparis acredita que as avaliações iniciais mostram os efeitos e afetos produzidos pelo curso entre os(as) participantes, contribuindo para sensibilização sobre a problemática da Redução de Danos: “A gente percebe isso na forma como as pessoas se referem ao curso, à mudança de paradigma, à mudança de perspectiva. Geralmente as pessoas entram para a formação em Redução de Danos com uma ideia bastante equivocada, muitas vezes pensam que é uma prática que faz apologia ou que incentiva o uso, ou pensam que é uma prática única e exclusivamente para lidar com o fato da drogadição ou questões relacionadas à de-

pendência química. E não é. É uma política que perpassa por um posicionamento ético em saúde, ela orienta o cuidado na Atenção Básica, não só com relação ao uso prejudicial de substâncias, mas como uma postura profissional de respeito à singularidade, à

liberdade de escolha, ao direito que a pessoa tem sobre si, sobre seu corpo, sobre o que ela quer fazer com isso e, a partir disso, estruturar um cuidado que não tenha como pressuposto que o usuário está errado e você está certo”.

“Eram pessoas de formações diversas (terapeutas ocupacionais, psicólogos, enfermeiras, assistentes sociais, artistas, músicos, agentes comunitários de saúde e tantas outras pessoas), trabalhando em locais diversos e com vivências muito diferentes. Era um desafio compreender essas diferenças por si só. Mas na medida em que a redução de danos ia se apresentando e sendo efetivada na prática, tudo parecia possível. [...] Efetivar, de fato, o respeito e a autonomia de quem atendíamos, criando vínculos, trabalhando a escuta qualificada e o acolhimento em locais abertos, em suas casas, nas praças, escolas, unidades básicas de saúde. Pessoalmente, foi um curso que não só contribuiu para minha formação profissional, mas que contribuiu também para minha vida”

Ludymilla Maria Teixeira Pereira, terapeuta ocupacional e aluna do curso.



Quer saber mais?

Instituição promotora: Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva (NESC) do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

E-mail para contato: secnesc@css.ufpb.br

Confira vídeo da apresentação da experiência no Seminário do Laboratório de Inovação em Educação na Saúde, realizado entre os dias 6 e 8 de março de 2018, em Brasília (DF).